

por **Dr. Leandro Assis Santos**  
*leandroas30@hotmail.com*

DOI:10.12957/ek.2018.38321

A *Ekstasis – revista de hermenêutica e fenomenologia*, traz à baila uma edição repleta de especiarias. De Heidegger a Husserl, de Merleau-Ponty a Ricoeur, passando ainda por Camus, dentre outros nomes, a presente publicação busca colocar na rinha filosófica nomes que se caracterizam pela potência de seu pensamento. Lado a lado, no sumário desta revista, ou em nossas bibliotecas particulares, o silêncio dos belos *layouts* editoriais emudece a intensidade do que se mostra quando se dá a palavra os pensadores mencionados.

De imediato, para abrir esta edição, a resenha de Peter Franco Souza de *O Mito de Sísifo*, escrito por Albert Camus, que de maneira brilhante coloca em relevo as temáticas do suicídio, da liberdade e do absurdo, tem no escrito aqui publicado uma ênfase conferida a tais aspectos dentre outros, apontando ainda para algumas rotas de fuga do referido texto – o que já é, no mínimo, interessante: rotas de fuga em Camus?

O artigo *Outramente dito: a teoria da tradução de Paul Ricoeur*, de Carlos Cardozo Coelho, que, como anunciado no título, procura tecer uma leitura sobre o problema da tradução em Ricoeur, tematizando-a como prova e pulsão cuja natureza dependerá do intérprete e tantas outras variações. Esta edição, a fim de aprofundar ainda mais as contribuições acerca de Ricoeur, traz o escrito de Manuel Tavares Gomes, intitulado *Paul Ricoeur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso*, cujo escopo é, inicialmente, contrapor o pensador que nomeia o artigo supracitado das hermenêuticas de

Husserl e Heidegger. Isso pretende indicar para uma hermenêutica que se julga “reconstrutora de sentido”, acenando, mais tarde, ao símbolo e suas zonas de emergência. Com isso, o escrito cai na explicitação do mal e do mistério, sendo que sempre há uma linguagem que sustenta as primeiras narrativas mitológicas, como o texto destrinchará.

*A verdade como fundamento abissal em Heidegger*, escrito por Ana Cristina Reis Cunha, aborda uma temática cara ao pensamento do referido filósofo: a questão relativa à verdade não é qualquer uma, mas, é a questão, visto os inúmeros desdobramentos possíveis de interpretação oferecidos pelo pensador alemão. Esse texto, que relaciona as análises que Heidegger empreende de Heráclito ao problema do acontecimento apropriador (*Ereignis*), expõe de forma solar alguns dos contornos mais decisivos que conferiu à temática, tais como a discussão sobre o nada, ou ainda a própria essência da verdade, bem como sua instância de retração.

Por seu turno, o artigo de Gustavo Augusto da Silva Ferreira intitulado *Husserl e a metafísica da subjetividade: uma crítica heideggeriana a partir da noção de Superação*, propõe uma discussão direta de Heidegger com Husserl, de maneira a examinar a apreciação do primeiro à abordagem acerca da subjetividade do segundo, respectivamente, tecendo uma crítica à fenomenologia transcendental husseliana – apreciação essa que é endereçada a este filósofo como um continuador da metafísica da subjetividade.

*O conceito de fenômeno no jovem Heidegger*, de Francisco de Lara López, traduzido por Deborah Moreira Guimarães, descreve um exame da noção de fenômeno em Heidegger como indicação formal, com especial atenção aos seus modos de manifestação, a partir de obras decisivas do jovem Heidegger.

*Evidência e existência ideal nas Investigações Lógicas de Husserl: uma análise sobre a conexão entre caracteres de ato e a estrutura das idealidades*, de Yuri José Victor Madalosso, transita pelas dificuldades expostas por Husserl em sua fenomenologia, com o esforço de traduzir algumas das estruturas centrais da mesma para além daquelas que permeiam o título do artigo, chegando, finalmente, a reposicionar o lugar da cognição no seio desta filosofia, bem como na exposição de certas limitações que esta possui.

*Filosofia, existência e finitude: Eugen Fink e a legitimidade de uma antropologia Filosófica*, José Fernandes Weber explicita a tentativa de legitimação de Fink de seu projeto de uma antropologia filosófica a partir da crítica de Husserl e Heidegger quanto a esta proposta. Contudo, buscava terminantemente superar a posição daqueles autores. Fink relaciona esse projeto ao próprio conceito de existência, que, por sua vez, está diretamente ligado à noção de finitude e de uma proposta do que seja a filosofia, entende sua antropologia a partir de cinco fenômenos fundamentais, a saber: morte, luta, trabalho, amor e jogo.

*Percepção e enativismo em Merleau-Ponty e Francisco Varela*, escrito por Rodrigo Benevides Barbosa Gomes, visa, de maneira objetiva, apresentar a percepção como apreensão

corpórea, como colocado na *Fenomenologia da Percepção*, algo como uma intencionalidade corporal anterior à consciência, esclarecendo, igualmente, a crítica que o pensador francês empreendia a este último conceito. A partir disso, se vale de Varela para tecer um posicionamento analítico quanto ao cognitivismo. O enativismo, por fim, se mostra como algo que se propõe a assunção da representação como elemento determinante da cognição.

Ainda na linha de Merleau-Ponty, esta edição traz o artigo de Leila Martina Passerino, intitulado *La experiencia corpórea de enfermedad: un abordaje desde la fenomenología de Merleau-Ponty*, que pressupõe a enfermidade como algo necessário a fim de que exista uma reconfiguração do corpo, como aquilo que compõe e compreende o mundo. Nesse sentido, a enfermidade é a emersão de algo inabitual, visto que reduz sua esfera de ação, e marca a potência da finitude.

A partir dessa exposição, o que se espera é um leitor que possa se deleitar com os artigos aqui em questão. Ao deleite, portanto!